

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS
Curso de Graduação em Farmácia-Bioquímica

**TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS: CONCEITO, APLICAÇÕES E
PERSPECTIVAS.**

Beatriz Rossi Bonin

Trabalho de Conclusão do Curso de
Farmácia-Bioquímica da Faculdade de
Ciências Farmacêuticas da Universidade de
São Paulo.

Orientadora:

Profa. Dra Cristina Northfleet de
Albuquerque

São Paulo

2022

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS.....	3
RESUMO.....	4
1. INTRODUÇÃO	6
2. OBJETIVO	9
3. MATERIAL E MÉTODOS	10
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	10
5. CONCLUSÃO	28
6. BIBLIOGRAFIA	29

LISTA DE ABREVIATURAS

AAA	Atividade assistida por animais
AAAIP	<i>Association of Animal-Assisted Intervention Professionals</i>
AAII	<i>Animal Assisted Intervention International</i>
CDC	Center for Disease Control and Prevention
EAA	Educação assistida por animais
IAA	Intervenções assistidas por animais
IAHAIO	<i>International Association of Human-Animal Interaction Organizations</i>
PUBMED	<i>National Library of Medicine</i>
SIPF	Serviços Intensivos de Preservação Familiar
SPC	Serviço de Proteção à Criança
TAA	Terapia assistida por animais
VAS	Escala Analógica Visual

RESUMO

BONIN, B.R. **Terapia Assistida por Animais: Conceito, Aplicações e Perspectivas**. 2022. 37 p. Trabalho de Conclusão de Curso de Farmácia-Bioquímica – Faculdade de Ciências Farmacêuticas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Palavras-chave: Animal Assisted Therapy; Pet Therapy; Pain; Palliative Care

INTRODUÇÃO: A terapia assistida por animais (TAA) é uma intervenção estruturada e com objetivos definidos, voltada para o ramo da saúde, e deve ser desenvolvida por profissionais da área da saúde e contar com documentação de parâmetros referentes ao estado de saúde dos pacientes. As TAA podem ser usadas para tratar diversas patologias, e podem contar com diferentes espécies de animais. Elas são consideradas como pertencentes ao grupo das terapias alternativas, com objetivo de tratar manifestações físicas, além de questões emocionais e sociais associadas à doença. A TAA também pode favorecer o trabalho da equipe de saúde, tendo sido relatado redução de estresse e melhoria na interação profissional-paciente. **OBJETIVO:** Revisar diferentes aplicações da TAA já realizadas, verificando seu efeito no estado de saúde do paciente, com foco em cuidado paliativo. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Foi realizada uma revisão bibliográfica narrativa, tendo sido elaborada uma busca ampla de artigos voltados para as TAA em bases de dados como PubMed. Para isso, foi feita a montagem dos termos de busca considerando população, intervenção (TAA), e desfecho (qualidade de vida). A partir daí foi feita a busca no sistema DeCS e MeSH, sendo agrupados os termos e sinônimos para a busca no PubMed. Foram encontrados 199 artigos, e feita uma triagem a partir dos seus títulos, resumos, e ano de publicação. Desses, foram encontrados 22 artigos focados em cuidados paliativos, os quais também passaram pela triagem de acordo com as diferentes condições clínicas dos pacientes e resultados da TAA. Também foram consideradas informações de sites institucionais relevantes, como a International Association of Human-Animal Interaction Organizations (IAHAIO), associação global líder das organizações que tratam sobre as interações humano-animal, incluindo as TAA. **RESULTADOS:** A TAA pode ocorrer com diferentes espécies de animais, sendo os mais comuns os cães e cavalos. Os cães têm diversas características físicas e comportamentais que os tornam muito interessantes para essa intervenção, sendo facilmente aceitos pelas pessoas. Os cavalos também são interessantes pelos efeitos que o ato de cavalgar resulta no organismo humano. Outros animais também são comumente usados na TAA, com gatos, que de acordo com seu comportamento são muito benéficos durante a TAA. Entre os diferentes estudos, uma série de resultados positivos para pacientes são encontrados. Entre eles, há estudos indicando melhora de sintomas psicológicos, como depressão e ansiedade; de sintomas físicos, como dor; favorece participação em terapias de reabilitação; trabalho da memorização em idosos. A TAA ainda apresenta muitos benefícios aos familiares, trazendo leveza ao ambiente hospitalar e lembrando um lar; e também aos profissionais de saúde, que conseguem criar mais vínculos com os pacientes, enquanto seu trabalho fica menos estressante. **CONCLUSÃO:** As IAA se mostram como uma alternativa potencialmente benéfica para os indivíduos que as realizam, no caso das TAA, aliviando sintomas e melhorando a qualidade de vida dos pacientes. No entanto, as TAA precisam de

mais estudos sistematizados, para que seja feita sua padronização, considerando animais e atividades ideais para cada patologia e população.

1. INTRODUÇÃO

A *International Association of Human-Animal Interaction Organizations* (IAHAIO) (2018), associação global líder das organizações que tratam sobre as interações humano-animal, criou definições para o campo que engloba as terapias assistidas por animais. Este campo é chamado de intervenções assistidas por animais (IAA), que são intervenções estruturadas e com objetivos bem definidos, que incorporam a atuação de animais nas áreas da saúde, educação e serviços humanos. Dentro das IAA, ocorre uma abertura em subáreas, como a atividade assistida por animais (AAA), educação assistida por animais (EAA), e terapia assistida por animais (TAA).

A IAHAIO (2018) também criou definições para cada uma dessas vertentes. As AAA são as interações consideradas mais informais, uma vez que nessa vertente não é necessário ser feito o acompanhamento da evolução de parâmetros. Mas mesmo assim, elas devem ser planejadas e ter objetivos definidos, e é necessário que a equipe humana e animal tenha recebido treinamento adequado para a atuação.

Já as EAA são consideradas intervenções planejadas, com objetivos bem definidos, e estruturadas por profissionais da área da educação, atuando nesse mesmo campo. O foco dessa vertente é atuar sob objetivos acadêmicos, habilidades de socialização e funcionamento cognitivo, e é essencial ser feita medição e documentação de parâmetros de progresso dos estudantes (IAHAIO, 2018).

Além desses, as TAA, foco deste trabalho, são as intervenções voltadas para a área da saúde. Elas também devem ser planejadas, ter objetivos definidos, e estruturadas por profissionais da área da saúde (IAHAIO, 2018; MANDRÁ et al., 2019; CHARRY-SÁNCHEZ et al., 2018). É essencial ser feita medição e documentação de parâmetros referentes ao estado de saúde dos pacientes, e o foco dessa estratégia é melhorar o funcionamento físico, cognitivo, comportamental e/ou social do indivíduo envolvido, usando animais treinados como parte do tratamento (IAHAIO, 2018; BERT et al., 2016; MANDRÁ et al., 2019).

A relação de proximidade entre os homens e animais é extremamente antiga, datando desde o período Paleolítico. Existem restos arqueológicos de 11 a 14 mil anos atrás, de animais que lembram os cães e lobos, que foram enterrados junto com seres humanos, demonstrando que o vínculo entre as duas espécies existe há

muito tempo. O mesmo é encontrado em diversas outras partes do mundo, em diferentes períodos históricos, como em sítios arqueológicos ameríndios de mais de 8 mil anos atrás, e também há sepulturas de homens com outras espécies de animais, como gatos, na ilha de Chipre que datam cerca de 9500 anos (MCCARDLE et al., 2011).

Sendo assim, a ideia de que a interação entre homens e animais pudesse ter função terapêutica ou socializadora também é antiga (MCCARDLE et al. 2011). A atuação de animais com intuito terapêutico é oficialmente reconhecida desde o fim do século XVII, com estudos de John Locke, que defendia a ideia de colocar crianças no mesmo ambiente que diversas espécies de animais (MCCARDLE et al, 2011; MANDRÁ et al., 2019). Apesar de o reconhecimento da interação animal-homem ser reconhecida oficialmente apenas a partir desse momento, há relatos dessa interação com função terapêutica muito mais antiga. Por exemplo, por volta de 400 a.C., era feita a prescrição de passeios a cavalo para tratar insônia por Hipócrates, ou ainda para prevenir diversas doenças por Galeno, no século II (CHARRY-SÁNCHEZ et al., 2018). Além disso, Florence Nightingale, considerada uma das fundadoras da enfermagem moderna, estudou e documentou os efeitos benéficos dos animais aos pacientes no século XIX, e percebeu que animais ajudavam na cura de soldados feridos (GILMER et al., 2016), e também documentou em sua obra “Notes on nursing” de 1860, que animais de estimação eram “frequentemente um excelente companheiro para o doente, especialmente em casos crônicos longos” (MCCARDLE et al., 2011). O psicólogo infantil Boris Levinson também fazia sessões de terapia com animais, e defendia que o uso de animais como coterapeutas era benéfico, não apenas para quebrar o gelo na relação paciente-médico, mas também pois o animal é um ser neutro, que não julga os conflitos emocionais. Um exemplo do benefício dessa terapia é com crianças, antes consideradas mudas, e que com sessões com animais começaram a se comunicar com os cães (MCCARDLE et al., 2011; GILMER et al., 2016). Assim vê-se que as interações entre homem e animal na área da saúde são uma forma de abordar necessidades que a equipe médica não consegue atender sozinha, e essa conexão com o animal se mostra como uma possível forma de melhorar a saúde humana física, psicológica e emocional (MACDONALD et al., 2015). No Brasil, a pioneira na atuação de sessões de terapias assistidas por animais foi a Dra. Nise da Silveira, no Hospital psiquiátrico Dom Pedro II, em Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, em

meados da década de 1950 (PEREIRA et al., 2008). A Dra Nise admirava a estabilidade psicológica e afeto que os animais têm, e que muitas vezes faltam para as pessoas (QUEM..., 2017).

Diferentes áreas da saúde são beneficiadas pela TAA, que pode ser usada em diversos tipos de patologias (CHARRY-SÁNCHEZ et al., 2018; BERT et al., 2016). Por exemplo, em revisões bibliográficas, encontram-se estudos do uso da TAA em casos de transtorno do espectro autista, demência, cânceres, paralisia cerebral, transtornos psiquiátricos, depressão, esclerose múltipla, transtorno de estresse pós-traumático (TSPT), dor, entre outros. Isso reforça que a terapia com animais pode ser usada na área da saúde com diferentes objetivos, e para diferentes populações (MANDRÁ et al., 2019; CHARRY-SÁNCHEZ et al., 2018; PINTO et al., 2021). Outro ponto interessante é o fato de que diversos animais, desde que treinados, podem ser utilizados na TAA (CHARRY-SÁNCHEZ et al., 2018), havendo estudos que contam com, por exemplo, cães, cavalos, gatos, peixes, entre outros. No entanto, há uma maior ocorrência da TAA com cães (LUNDQVIST et al., 2017; BERT et al., 2016), e em seguida, com cavalo (MANDRÁ et al., 2019; CHARRY-SÁNCHEZ et al., 2018).

Tendo em vista todo seu histórico, o vínculo entre o homem e animal ainda é um tópico que merece atenção e estudo, e as terapias assistidas por animais são consideradas uma área da medicina complementar e alternativa, pois têm resultados que agregam no tratamento de pacientes, afetando positivamente seu estado de saúde (GILMER et al., 2016). O uso de terapias complementares, em conjunto com terapias convencionais, tem o objetivo de tratar as manifestações físicas da doença, além de questões emocionais, sociais e espirituais associadas àquela condição de saúde, e isso é um ponto essencial para a área de cuidados paliativos (GILMER et al., 2016). A *American Medical Association* descreve os cuidados paliativos como uma “terapia focada em diminuir a dor e sofrimento, fornecendo tratamentos para alívio de sintomas, juntamente com conforto e suporte para pacientes de todas as idades” (QUINTAL et al., 2021), e tem foco em pacientes que não respondem mais a tratamentos convencionais (EVANGELISTA et al., 2016). Sendo assim, os cuidados paliativos focam no alívio de sintomas e estresse, visando melhorar a qualidade de vida da pessoa e de sua família. Já foi observado que o uso de animais treinados pode ser muito benéfico em casos de cuidado paliativo, para fins de controle de dor, sofrimento e melhoria de qualidade de vida (PINTO et al., 2021).

Estudos sobre o manejo de dor em pacientes em cuidado paliativo relataram que o uso da TAA nesses casos foi positivo, aumentando o bem-estar e relaxamento dos pacientes, e em alguns casos, houve até mesmo a redução da sensação de dor. Os envolvidos relataram que o vínculo com animais é uma forma importante de passar momentos de turbulência emocional (MACDONALD et al., 2015; PINTO et al., 2021; URBANSKI et al., 2012). Por exemplo, a interação do animal com pacientes oncológicos pediátricos se mostrou uma forma de criar laços e suprir de certa forma outras dificuldades que a criança enfrenta, como ausência na escola, tendo menor interação com amigos (SILVA et al., 2018). Além disso, em casos de pacientes pediátricos em cuidados paliativos, a experiência hospitalar da criança e familiares em geral é mal classificada, não pelo tratamento da equipe, e sim pela situação e sensação de perda que experienciam. É comum a realização de terapias ansiolíticas nesses casos, mas o tratamento farmacológico muitas vezes gera efeitos adversos prejudiciais e que causam muito mal estar ao paciente, tornando abordagens alternativas atrativas, entre elas a terapia assistida por animais (GILMER et al., 2016).

A prática da terapia assistida por animais também pode favorecer o trabalho da equipe de saúde. Em estudos foi relatado que a presença dos animais favorece a redução do estresse no ambiente de trabalho (MACDONALD et al., 2015; ENGELMAN, 2013; GILMER et al., 2016), sendo visto em estudos queda do cortisol sérico de profissionais de saúde (MARCUS, 2013). Além disso, é uma facilitação da comunicação e interação entre equipe de saúde e paciente, fortalecendo vínculos (MACDONALD et al., 2015; ENGELMAN, 2013; PINTO et al., 2021; CHUBAK et al., 2017), o que é essencial, especialmente em áreas como de cuidados paliativos (GHOSH et al., 2015).

2. OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é revisar diferentes aplicações da terapia assistida por animais já realizadas, verificando seu efeito no estado de saúde do paciente e familiares, avaliando o uso de diferentes animais para diferentes terapias. Além disso, há o objetivo de entender quais os principais desafios que a área encontra no momento atual.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho consiste em uma revisão bibliográfica do tipo narrativa, e foi elaborado a partir de uma procura ampla de artigos que englobavam o tema proposto, as terapias assistidas por animais, em bases de dados como *National Library of Medicine* (PubMed). A busca foi realizada a partir de palavras-chave como: Animal Assisted Therapy; Pet Therapy; Pain; Palliative Care.

Inicialmente foi realizado o preparo pré-pesquisa em base de dados. Para isso, foi feita a montagem dos termos que compõem o “PICO”, ou seja, a definição da população, da intervenção (terapia assistida por animais), e do desfecho (qualidade de vida). Para isso, foi feita a busca dos termos do PICO no sistema DeCS, que busca os termos em português, e para conseguir a sua versão em inglês, foi feita a busca no sistema MeSH. Após isso, foi feito o agrupamento correto dos termos e seus sinônimos para a busca dos artigos no PubMed.

Inicialmente, foram encontrados 199 artigos na base de dados, e então foi feita uma triagem a partir dos seus títulos e resumos, para avaliar compatibilidade com o tema deste trabalho, e também um filtro para considerar os trabalhos mais recentes (apenas os últimos 10 anos). Também foi feita uma pesquisa mais focada no uso das terapias assistidas por animais para casos de terapia paliativa, tendo sido encontrados 22 artigos, dos quais também foi feita a mesma triagem por título e resumo. Em seguida, foi realizada a leitura das pesquisas e separação dos artigos de acordo com as diferentes condições clínicas dos pacientes e resultados da terapia assistida por animais. Além disso, também foram consideradas informações de sites institucionais relevantes, como a *International Association of Human-Animal Interaction Organizations* (IAHAIO), que é a associação global líder das organizações que tratam sobre as interações humano-animal, incluindo as TAA.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Visão Geral da TAA

A IAHAIO é a associação global das organizações que são voltadas para a prática, pesquisa e/ou educação em IAA, que inclui as TAA. A formação dessa organização conta com mais de 100 membros multidisciplinares e com profissionais

de diferentes países. Essa questão da interdisciplinariedade e diversidade é essencial para posicionar a IAHAIO como líder no campo das IAA, e ela é, então, responsável por fazer diversos direcionamentos da área (IAHAIO, 2022). Assim como é perceptível pela formação da IAHAIO, a prática das TAA conta com uma equipe multidisciplinar e multi espécie, ou seja, sempre há a associação do trabalho de humanos com algum animal, mas também há a interação e parceria entre diferentes profissionais, como profissionais de saúde, adestradores, veterinários, profissionais de redes de cuidado e saúde público, entre outros, possibilitando a estruturação e execução ideal das TAA (IAHAIO, 2018).

A TAA é uma terapia complementar que pode ser utilizada para diferentes fins e em diferentes condições. Na revisão de Mandrá et al. (2019), foram analisados 43 trabalhos, e foi encontrada grande variedade na população atendida, havendo trabalhos que variavam de 1 a 1960 participantes, de ambos os sexos, e com idades entre 3 e 99 anos. Destes trabalhos, 7 tratavam-se de pacientes com transtorno do espectro autista, 6 de demência, 5 de câncer, 4 de paralisia cerebral, 5 de diferentes transtornos psíquicos, 4 de dor, 1 com obesidade, 1 com hipertensão, 1 com AVCs, 2 com síndrome de Down, e 2 com participantes saudáveis. Além desses, também são encontrados mais patologias em que se utiliza dos benefícios da TAA, como o transtorno de estresse pós traumático, esclerose múltipla, lesões de medula espinal, entre outros (CHARRY-SÁNCHEZ et al., 2018). Além disso, há uma variedade de animais que pode ser utilizado na TAA, sendo os mais comuns os cães, e em seguida cavalos, mas também há estudos com gatos, peixes, aves, entre outros (BERT et al., 2016).

4.1.1 Terapia Assistida por Cães

Os cães são os animais mais utilizados nas práticas de intervenção assistida por animais (BERT et al., 2016), e muitos estudos já mostram os benefícios dessa interação. Parte desse sucesso pode ser relacionado a características naturais dos cães que facilitam sua aceitação pelas pessoas, como o fato de serem passíveis de domesticar, terem porte adequado, terem afeição por pessoas e responderem positivamente ao toque humano (MANDRÁ et al., 2019). É natural para o homem interpretar o comportamento dos cães como feliz e amigável (LUNDQVIST et al., 2017). Além disso, os cães são seres que promovem sensação de segurança e

lealdade às pessoas, o que pode ser benéfico em aspectos sociais, psicológicos e fisiológicos, para indivíduos de diferentes gêneros, faixas etárias, classes sociais, e condições de saúde. Sendo assim, o cão é considerado como um “catalisador social”, ou seja, ele ajuda as pessoas a interagirem, agindo como um mediador não verbal da comunicação, que não julga, não ameaça e acolhe (PESQUISA..., 2021). A TAA com cães é então uma terapia complementar muito útil, que tem o objetivo de melhorar a qualidade de vida do indivíduo. Além disso, ela também se mostrou benéfica sob o aspecto emocional de familiares dos pacientes, e também da equipe médica (MANDRÁ et al., 2019). Os seres humanos têm uma predisposição inata para prestar atenção a outros organismos vivos, uma característica relacionada à adaptação evolutiva para viver como caçadores-coletores, e isso se relaciona ao conceito da biofilia, ou seja, o amor pela natureza. As pessoas, em geral, sentem um estímulo acima do normal ao interagir com animais como cães, o que é despertado por diversas características morfológicas dele, como o porte, pelagem, formato de olhos, focinho, orelhas, entre outros. Todas essas características dos cães influenciaram a adoção dessa espécie como animais de companhia dos humanos (PESQUISA..., 2021).

Acredita-se que os cães são capazes de identificar quais os indivíduos no ambiente mais precisam de atenção e interação terapêutica, devido a mudanças químicas que ocorrem no organismo do paciente e que podem ser percebidas pelo animal sensorialmente, através de seu olfato, que é muito aguçado. Um exemplo disso é a existência de cães treinados para detectar convulsões em pacientes com epilepsia ou hipoglicemia. Mesmo que cães de terapia não sejam treinados especificamente para identificar doenças, há relatos de que quando colocados em cômodos com muitas pessoas, eles interagiram mais com aqueles que estavam doentes ou com mau-estar (MARCUS, 2013).

Diferentes atividades podem ser realizadas durante a terapia assistida por cães, dependendo do seu objetivo final. Por exemplo, um tipo de atividade que foi realizada em estudo foi a alimentação do cão com algum petisco, utilizando pinças, e desta forma o objetivo era melhorar a sensação de percepção, concentração e fornecer estímulo sensorial. Outro tipo de atividade, cujo objetivo é trabalhar a memória, envolve o paciente identificar a raça do cão através de imagens, memorizando o nome do animal, entre outros aspectos (CHARRY-SÁNCHEZ et al., 2018). Uma visita de AAA realizada pela ONG Terapia Cão Carinho em um abrigo

para crianças contou com uma atividade que era voltada para cuidar da pelagem e higiene dos cães, em que crianças poderiam escová-los e levá-los para passear, de forma a tornar o momento mais leve para as crianças e também a ensiná-las sobre os cuidados com animais.

Existem diversos estudos que avaliam os efeitos das IAA com cães. Em revisões sistemáticas da literatura focada nas IAA com cães, foi indicado diferentes desses resultados para diferentes tipos de condições clínicas. Por exemplo, no caso de pacientes com transtornos psiquiátricos que participaram de sessões de TAA houve uma melhora significativa em diferentes escalas e medidas psicométricas, sendo também relatado melhoria no funcionamento global, frequência escolar, e sintomas emocionais-comportamentais auto-relatados, e em casos de pacientes em reabilitação, houve redução de cortisol e maior adesão ao programa. Em estudos voltados para pacientes com transtornos de humor, foi relatado diminuição na pressão arterial média e sistólica, frequência cardíaca e desconforto comportamental dos pacientes na presença do cão. Em casos de pacientes com dor pós-operatória e que realizam fisioterapia, o grupo que realizou sessões de TAA relatou redução significativa da dor medida com escala analógica visual (VAS) em comparação com o grupo controle (LUNDQVIST et al., 2017; BERT et al., 2016). Especialmente no caso de crianças, os procedimentos cirúrgicos e hospitalizações são muito estressantes, e a introdução de sessões de TAA com cães antes da cirurgia é muito positiva, como avaliado em estudo, em que a percepção de dor das crianças foi menor, além de terem tido uma recuperação precoce da vigilância após a anestesia e a ativação da área pré-frontal emocional (MANDRÁ et al., 2019; CALCATERRA et al., 2015).

Também foi realizado um projeto com a realização de TAA em sessões de interação de pacientes com queimaduras graves no US Army Burn Center, com a intenção de melhorar a duração e qualidade das sessões de reabilitação. Pelo maior risco de infecção desses pacientes, os cães não realizavam as sessões nos seus quartos, mas sim em outra área até onde o paciente conseguisse se deslocar. As atividades foram selecionadas pelo fisioterapeuta e/ou terapeuta ocupacional conforme a necessidade de cada paciente, e algumas atividades gerais incluíram atividades de marcha e resistência, como caminhar com o cão; atividades para desenvolver membros superiores, como escovar, acariciar, alimentar e jogar brinquedos para o cão; e o cão também servia como apoio para o paciente em

sessões de alongamento, além de serem um apoio emocional. Nesse estudo, 85,7% dos pacientes afirmaram que sua dor melhorou e que sua ansiedade melhorou com a TAA com cães, não tendo sido relatado nenhum comentário negativo (PRUSKOWSKI et al., 2020).

Também há estudos que visam entender os resultados da TAA com cães em casos de pacientes idosos. Por exemplo, idosos com insuficiência cardíaca aguda apresentaram queda significativa na pressão sistólica da artéria pulmonar e na pressão capilar pulmonar quando comparados com grupo controle, além de terem apresentado maior queda nos níveis de epinefrina e norepinefrina, apresentando também diminuição no *score* de ansiedade (BERT et al., 2016). Em casos de idosos também há sessões de TAA com cães que visam focar na memória, sendo solicitado ao paciente que identificasse a raça do cão através de ilustrações, memorizasse seu nome e comandos específicos (CHARRY-SÁNCHEZ et al., 2018). Também é visto melhor humor em pacientes com Alzheimer; e a redução de sintomas de depressão em idosos (MANDRÁ et al., 2019). Foi encontrada uma queda de 57% nos níveis de cromogranina A salivar, um marcador dos níveis de estresse, em idosos que fizeram TAA, em comparação com um aumento de 19% no grupo controle (MARCUS, 2013). Em casos de idosos que sofrem com dor crônica, foi relatado menor sensação de dor no grupo de pacientes que realizou a TAA com cães do que o grupo controle, o que também auxiliou a redução do uso de analgésicos (RODRIGO-CLAVEROL et al., 2019), o que também pode estar relacionado com mudanças fisiológicas que as interações com os cães proporcionam, como aumento de ocitocina, que é anti-estresse e aumenta o limiar de dor (MARCUS, 2013).

Outro exemplo é um estudo feito na ala de oncologia pediátrica nos Estados Unidos, em que foram realizadas visitas com cães para pacientes previamente selecionados, considerando aprovação dos pais, estado imunológico e alergias. Durante as sessões o condutor do cão se apresentava e apresentava o cão, e convidava o paciente para acariciar o animal, que então fazia truques para o mesmo. Ao fim da visita, foi entregue um cartão com a foto do cão para as crianças. Após a sessão, os pacientes demonstravam sentir menos angústia, cansaço e dor, o que foi medido através de formulários, como Distress Thermometer, Patient Reported Outcomes Measurement Information System e PedsQL Present Functioning Scales, e 94% respondeu para a questão “Você gostou que o cachorro o visitasse?”, “Sim, muito” (CHUBAK et al., 2017). Desta forma, a TAA com cães para o grupo de

pacientes pediátricos é uma oportunidade para melhorar a qualidade de vida da criança, diminuindo os sintomas, em geral, mais angustiantes do câncer pediátrico, que são a dor e fadiga, levando até mesmo a um menor uso de analgésicos, maior conforto, socialização e aumento da auto-estima (URBANSKI et al., 2012).

4.1.2 Terapia Assistida por Cavalos

Os cavalos ocupam o segundo lugar no ranking de animais mais utilizados nas terapias assistidas por animais (MANDRÁ et al., 2019; CHARRY-SÁNCHEZ et al., 2018). Essa espécie é muito utilizada para sessões com pacientes com algum transtorno físico. A TAA com cavalos visa beneficiar o paciente a partir da movimentação induzida pelo cavalo, uma vez que o movimento da pelve do indivíduo ao montar em um cavalo é semelhante ao observado durante uma caminhada comum, podendo gerar padrões de movimento bilaterais, contínuos e simétricos que estimulam a atividade muscular voluntária e involuntária, auxiliando na manutenção da postura e equilíbrio do paciente, e aumentando a estabilidade do tronco e cabeça. Isso é muito benéfico em casos de paralisia cerebral, mas também em casos de dor crônica (COLLADO-MATEO et al., 2020; MANDRÁ et al., 2019). Também há estudos que mostram melhoria no equilíbrio de pacientes com esclerose múltipla, e melhora significativa no comprometimento do sistema motor e na qualidade de vida de pacientes que sofreram derrame (CHARRY-SÁNCHEZ et al., 2018).

Foi realizado um estudo com idosos com artrite, e que sentiam dor forte devido à essa condição, e nas sessões de TAA com cavalos, a cada semana as tarefas se tornavam mais difíceis, variando desde montar no cavalo, cavalgar, alongar-se, aprender os comandos do cavalo através das rédeas, cavalgar em trajetos específicos, entre outros. Também eram realizados exercícios de aquecimento, como alongamentos, e após a montagem no animal, o paciente alimentava o cavalo com petiscos para aumentar seu vínculo. Após as sessões, foi indicada melhora significativa nos pacientes em relação a dor nas costas e a amplitude de movimento de costas, quadril e ombros (COLLADO-MATEO et al., 2020).

A TAA com cavalos também pode ser realizada com pacientes com transtornos psicológicos. Um estudo realizado em um hospital psiquiátrico com

pacientes de comportamento violento realizou sessões de TAA com cavalos, e os pacientes que participaram das sessões apresentaram redução dos incidentes envolvendo violência (NUREMBERG et al., 2015). Na revisão de Charry-Sánchez et al. (2018), foi encontrada uma redução dos sintomas de depressão em pacientes que realizaram TAA com cavalos, e pacientes que sofrem com transtorno de estresse pós traumático tiveram queda significativa em condições como sofrimento emocional, sintomas de ansiedade e depressão, e consumo de álcool. Já em casos de pacientes com transtorno do espectro autista, foi percebido benefícios sobre a habilidade comunicativa, interação social, e medidas de irritabilidade e hiperatividade ao realizar as sessões com cavalos.

No entanto, a TAA com cavalos pode apresentar alguns obstáculos para sua execução. Por exemplo, o investimento para manter e treinar o animal é mais alto que um animal de estimação, sendo que ele precisa de um espaço apropriado para a espécie, e que em geral, é mais distante dos centros de cidade, e a distância e deslocamento de pacientes também é dificultada. Outro ponto é que o paciente precisa se sentir confortável com o animal, então pacientes que tenham medo ou sintam ansiedade na presença de cavalos não seriam indicados para esse tipo de terapia com essa espécie. Como forma de solucionar essas questões, foram criados simuladores de equitação, ou seja, máquinas que simulam uma cavalgada. Desta forma, o deslocamento e custo do processo geral é facilitado, e o paciente pode se beneficiar do mesmo movimento que seria gerado pelo cavalo. No entanto, as sensações geradas pela interação com o animal durante a sessão são perdidas, e a temperatura natural do cavalo, que é 1°C a 5°C maior que a temperatura do corpo humano, também pode trazer benefícios, como a redução da espasticidade e hipertonidade muscular. Além de montar no cavalo, outras atividades podem ser realizadas, como escovação da pelagem, visando criar maior vínculo com o animal (COLLADO-MATEO et al., 2020).

4.1.3 Terapia Assistida por Gatos

Os gatos são animais muito próximos do homem, sendo que o número de felinos domésticos cresce constantemente. Desde a antiguidade, os gatos são animais admirados pelos homens, sendo um de seus grandes companheiros, e também é uma espécie muito presente nas intervenções assistidas por animais para

diferentes pessoas. Os gatos têm um perfil mais independente quando comparados aos cães, sendo mais sociáveis de acordo com seu próprio tempo. Assim como qualquer outro animal de diferentes espécies, para participar das IAA, o gato deve ter um temperamento sociável e receptivo para interagir com diferentes pessoas e estar presente em diferentes ambientes (FULBER, 2011). A Dra. Nise da Silveira foi pioneira no Brasil atuando contra métodos agressivos aplicados em pacientes psiquiátricos, como o eletrochoque e o confinamento (FERREIRA, 2020). Ela realizava sessões humanizadas, se beneficiando da interação entre os pacientes e os animais, especialmente gatos (PEREIRA et al., 2008). Segundo Nise (1998), em seu livro intitulado “Gatos: A Emoção de Lidar”, ela observava em suas consultas que os resultados terapêuticos das interações afetivas entre o animal e o paciente eram excelentes. Segundo ela, os gatos são “excelentes companheiros de estudos, amam o silêncio e cultivam a concentração”. Ela continua: “Cultivo muito a independência. Por isso gosto do gato.” (MENEZES, 2016).

Há diversos estudos avaliando os resultados da TAA com gatos para diferentes patologias. Um estudo realizado com pacientes oncológicos em cuidados paliativos verificou que os pacientes apresentaram melhora na qualidade de vida, avaliada por pontuação na escala facial de Lorsch. Outro estudo, realizado com idosos com deficiências crônicas relacionadas à idade, verificou que pacientes que realizaram a intervenção com animal tiveram melhora de sintomas depressivos e queda da pressão arterial sistólica em relação ao grupo controle (BERT et al., 2016).

4.2 Terapia Assistida por Animais e Cuidados Paliativos

Os cuidados paliativos são considerados uma terapia que visa diminuir dor e sofrimento de pacientes, aliviando seus sintomas, dando maior conforto para o paciente e seus familiares (QUINTAL et al., 2021). Sendo assim, o uso das IAA nesses casos pode ser uma terapia complementar muito benéfica, visando melhorar a qualidade de vida dos envolvidos (PINTO et al., 2021). Além disso, ela favorece a interação e comunicação entre a equipe de saúde e o paciente, que é essencial no caso dos cuidados paliativos (GHOSH et al., 2015; MACDONALD et al., 2015). Além do efeito mais objetivo das IAA nesses casos, que é reduzir os sintomas clínicos do paciente, o vínculo que é criado com o animal é uma forma de passar por momentos emocionalmente difíceis com mais facilidade (MACDONALD et al., 2015), por

exemplo, suprimindo a possível falta de laços de pacientes pediátricos com outras crianças (SILVA et al., 2018). A execução da TAA mostrou ser uma estratégia que melhorou a classificação da experiência de hospitalização por parte dos familiares (GILMER et al., 2016).

Foi realizado um estudo sobre o manejo de dor em pacientes em cuidado paliativo, no qual foi indicado que o uso da TAA foi muito benéfico, aumentando o bem-estar e relaxamento dos pacientes, e em alguns casos, houve até mesmo a redução da sensação de dor (ENGELMAN, 2013). Um estudo que avaliou a sensação de dor de crianças pela escala de dor FACES indicou que a sensação de dor realmente foi menor nos pacientes que realizaram a TAA, tendo ocorrido uma diminuição 4 vezes maior nos que realizaram a TAA do que os que não realizaram (GILMER et al., 2016). Os membros da equipe de saúde presente também relataram sentir menos estresse com a presença dos animais (ENGELMAN, 2013).

Um estudo realizado com veteranos militares dos Estados Unidos com graves traumas e participando de tratamentos de cuidados paliativos, verificou que com as sessões de TAA com cães, apesar de não ter ocorrido redução significativa de marcadores relacionados ao estresse, os pacientes relataram estar ansiosos pela visita do animal, e a comunicação se tornava mais fácil (KRAUSE-PARELLO et al., 2016). Em casos de pacientes em cuidados paliativos que se encontram hospitalizados, a presença do cão pode trazer benefícios por ser uma forma de trazer um pouco do ambiente familiar para o ambiente hospitalar, o que traz conforto ao paciente, suavizando a experiência. Desta forma, há evidências que sugerem que há relação entre a interação com animais e melhoria da saúde física, psicológica, emocional e espiritual no contexto dos cuidados paliativos (MACDONALD et al., 2015).

Na revisão de Pinto et al. (2021), foram encontrados estudos que indicam melhora significativa do humor em pacientes após a TAA, e também da qualidade de vida e sintomas depressivos em pacientes oncológicos. Os profissionais de saúde envolvidos relatam também que com a intervenção os pacientes se adaptam melhor ao ambiente hospitalar, têm melhora de apetite, alívio de sintomas como dor, aceitam melhor procedimentos invasivos, e se mostram mais motivados. Um ponto interessante é que essa intervenção mostra resultados positivos para diferentes populações, como crianças, adultos ou idosos.

4.3 Efeitos da TAA em familiares de pacientes e nos profissionais de saúde

Além dos efeitos da TAA no estado dos pacientes, também é comum haver relatos de benefícios para os familiares e profissionais de saúde envolvidos na prática, trazendo mais leveza e descontração para o ambiente hospitalar (KOBAYASHI et al., 2009; MACDONALD et al., 2015; ENGELMAN, 2013; GILMER et al., 2016). Foi realizado um estudo de caso no Centro Universitário Franciscano de Santa Maria avaliando os efeitos da TAA em caso de paralisia cerebral, e dentre os benefícios citados para o paciente, também foi notada uma aproximação do mesmo com familiares que antes se mantinham mais distantes (PORTO; QUATRIN, 2015). Outro exemplo dos benefícios da TAA para pacientes e suas famílias são em casos de câncer pediátrico, em que tanto o diagnóstico quanto o tratamento são grandes desafios. Para os pais, esse evento pode causar muita angústia, depressão e até mesmo luto em um grau ainda maior do que seu filho. É importante em situações como essa que os pais mantenham seu “otimismo parental”, que está intimamente relacionado com o grau de bem-estar familiar. A TAA é interessante em casos como esse, sendo uma terapia adjuvante, que visa dar maior suporte e manutenção da saúde mental dos pais, assim como das crianças. Nesse contexto, os animais parecem ser uma distração para os pacientes e suas famílias, tirando o foco da dor e preocupação associadas ao tratamento. Além disso, a presença de animais como cães durante o tratamento faz com que o ambiente hospitalar seja mais aconchegante e lembre mais um lar. Isso favorece com que a criança aceite melhor as sessões de tratamento, sinta menos dor e tenha menos estresse, o que também é um grande alívio para os familiares que acompanham o processo de perto. Para os pais, a TAA se mostra positiva também em relação à comunicação, ou seja, o animal serve como um facilitador para conversas com os profissionais de saúde sobre a situação da criança (MCCULLOUGH et al., 2017).

Como demonstração dos efeitos da TAA sobre a relação entre familiares, um estudo clínico avaliou os resultados da aplicação dessa terapia entre famílias que tiveram crianças encaminhadas ao Serviço de Proteção à Criança (SPC), como adjuvante as terapias dos serviços intensivos de preservação familiar (SIPF). Foi encontrada uma melhora estatisticamente significativa no funcionamento familiar para famílias que participaram das TAA, em comparação com as que não as realizaram. As atividades com animais pretendiam criar um ambiente entre família

que fosse mais calmo, e que se sentissem seguros, além de a realização de atividades com os cães ter feito com que interagissem e se envolvessem ativamente. De fato, os profissionais que acompanharam as sessões com e sem animais relataram que as sessões de TAA, em que contava-se com cães, eram mais calmas e calorosas, além de abrir caminho para discussões de tópicos sensíveis relacionados à família e limites (FLYNN et al., 2018).

Também é notada que a relação do paciente com os próprios profissionais de saúde avança, o que os ajuda a executar melhor seu trabalho. Isso foi notado por pais de pacientes pediátricos, havendo relatos de que com a TAA há avanço na comunicação das crianças, facilitando a criação de vínculos com a equipe de saúde (MACDONALD et al., 2015; ENGELMAN, 2013; PINTO et al., 2021; CHUBAK et al., 2017), o que é essencial na área de cuidados paliativos, em que a comunicação deve ser muito trabalhada e aberta (GHOSH et al., 2015). Dependendo da atividade que é realizada com o cão, pode haver maior desenvolvimento de habilidades verbais e comunicativas, por exemplo em atividades em que o paciente ensina comandos verbais aos animais, e este contato cria a possibilidade de melhor vínculo com a equipe de saúde, criando uma melhor comunicação (LONDON et al., 2020). Além da questão comunicativa, o paciente ao participar de experiências de toque e carícias com os animais, se demonstra mais desinibido e sociável, uma vez que é um desencadeamento da sensação de ser amado e cuidado (LIMA; SOUZA, 2018). Além disso, há um estudo que avaliou o cortisol sérico em profissionais de saúde, e foi encontrado que a interação com os animais reduziu os níveis desse marcador de estresse (MARCUS, 2013). Um estudo realizado, no entanto, indicou que um profissional de saúde relatou que a atividade causou interrupção do seu trabalho, o que mostra que o momento da sessão deve ser escolhido com cuidado para cada paciente (CHUBAK et al., 2017).

4.4 Bem-estar animal durante as TAA

Durante a prática das intervenções assistidas por animais, incluindo as TAA, a saúde e bem-estar do animal devem ser garantidos. A IAHAIO (2018) discute o tema através do documento White Paper, no qual disponibiliza diretrizes e orientações. Trata-se do conceito de “saúde única”, que não é um termo novo, tendo sido discutido desde o século XIX, quando começaram a entender a semelhança em

processos de doença em humanos e animais (IAHAIO, 2018). O *Center of Disease Control and Prevention* (CDC) trata sobre o esse conceito, e considera que a “saúde das pessoas está ligada à saúde dos animais e do meio ambiente” e que seu “objetivo é alcançar resultados de saúde ideais, reconhecendo a interconexão entre pessoas, animais, plantas e seu ambiente compartilhado” (2022).

Desta forma, a saúde única é um ponto importante quando pensamos nas TAA, que visam a melhora da saúde e bem-estar humano. Sendo assim, os profissionais de saúde, associados com outros profissionais como veterinários e adestradores, podem usufruir do conhecimento sobre as relações e interações entre homem e animal para questões de saúde pública (IAHAIO, 2018). Essa relação inter-espécie é muito relevante, e de forma geral, em locais onde o bem-estar é precário, geralmente o estado de bem-estar animal também é ruim. Além disso, muitas vezes os animais são indicadores de saúde e bem-estar humano, podendo apontar casos de abuso e violência familiar (JORDAN e LEM, 2014).

Tendo isso em mente, é essencial que durante qualquer IAA, seja assegurado o bem-estar tanto das pessoas quanto do animal. Sendo assim, as instalações e condutores precisam garantir boas práticas e cumprimento de protocolos para monitorar e proteger os seres envolvidos na prática (IAHAIO, 2018). Não é toda prática que conta com o acompanhamento de parâmetros bioquímicos e fisiológicos dos animais envolvidos nas práticas, mas é importante que esse tema seja desdobrado para maior entendimento dos reais efeitos da participação do animal nas TAA.

O Projeto Pet Terapia da Universidade Federal de Pelotas fez o acompanhamento de seus cães durante práticas de IAA, avaliando o bem-estar do animal através de duas métricas. Foi realizado tanto o acompanhamento de parâmetros vitais, antes e após as atividades, como aferição de pressão arterial sistólica, frequência cardíaca, frequência respiratória e temperatura corporal. Além disso, foi realizado o acompanhamento observacional do comportamento e linguagem corporal do animal, sendo considerada a sua postura, posição dos olhos, orelhas e rabo, presença ou ausência de vocalização, interação com seres humanos e ausência ou presença de comportamento passivo. Ao avaliar os resultados, foi constatado que os cães que participaram do estudo não demonstraram sinais de estresse, tanto em relação aos parâmetros fisiológicos quanto comportamentais. Mesmo com esse tipo de estudo, é essencial e um dever ético que sempre se

mantenha atenção ao bem-estar do animal (PRADO; MOURA; LIMA, 2019). Há estudos com cães que mostram que com a prática de TAA, há um aumento nos níveis de cortisol do animal, o que demonstra que a experiência exige certo esforço do animal, mas especialistas em ética concluem que esse aumento ainda é compensado pelos benefícios da TAA, desde que realizada adequadamente e que o cão seja bem preparado, ou seja, tenha passado por uma rotina de higiene e saúde com veterinário, e treinamentos com adestradores (MARCUS, 2013; PRADO; MOURA; LIMA, 2019).

A IAHAIO (2018) indica uma série de recomendações a serem seguidas referentes à manutenção do bem-estar do animal durante as práticas. De forma resumida, é essencial que a TAA seja realizada somente com animais que estão saudáveis, tanto fisicamente, com higiene e controle de zoonoses, quanto psicologicamente, e que tenham afinidade por esse tipo de atividade e interação com indivíduos. O bem-estar do animal durante a prática é responsabilidade do profissional que o acompanha, e ele deve estar muito familiarizado com cada animal participante, e estar sempre alerta para sinais de desconforto. O animal deve ser treinado, e deve ter o perfil para ser considerado um bom candidato para a prática, sendo avaliado em relação ao seu comportamento e temperamento.

4.5 Cuidados durante a prática da TAA

A prática das IAA deve contar com uma série de cuidados, visando sempre a segurança das pessoas envolvidas e dos animais, além de garantir o alcance dos objetivos das sessões. Nem todo animal tem o perfil adequado para participar de atividades de IAA, e isso é avaliado desde um primeiro momento, na seleção do animal. O animal precisa ser avaliado por um profissional de comportamento, como adestrador e/ou zootécnico, para verificar as reações do animal a diferentes situações assim como identificar seu bem estar nessas situações. Por exemplo, o animal não deve ser reativo com barulhos altos, presença de crianças, convívio com outros animais, entre outras situações comuns durante a prática (IAHAIO, 2018; PATAS TERAPEUTA, 2022; TERAPIA CÃO CARINHO, 2022).

Além da questão da seleção do animal, é necessário que ele seja devidamente treinado. Isso é essencial para garantir a segurança das pessoas envolvidas na atividade, evitando que o animal pule, ou até mesmo machuque algum

indivíduo presente. Por exemplo, crianças podem ter comportamentos imprevisíveis e gritar ou ter alguma atitude que gere estresse ao animal, e é preciso assegurar que o animal não terá uma reação agressiva em situações como essa (LONDON et al., 2020). Além disso, o estado emocional do animal é muito importante, uma vez que a prática também deve assegurar a segurança dele, e por isso é essencial que o condutor esteja sempre atento em relação às reações e participação do animal na sessão, avaliando se ele está demonstrando maior estresse que o normal (IAHAIO, 2018; PATAS TERAPEUTAS, 2022; TERAPIA CÃO CARINHO, 2022). É muito importante que o animal tenha uma agenda estruturada de treinamento e preparo para participar desse tipo de intervenção, devendo sempre ser considerado seus limites, com treinos periódicos com instrutor, com seu condutor, e socializando com outros animais (PLANEJAMENTO..., 2021).

Para participação em IAA, também é essencial que a saúde do animal seja acompanhada por um veterinário, e que o animal tenha um atestado sanitário liberando-o para as atividades. Também é importante que a higiene do animal seja assegurada, sendo banhado, e tosado se necessário, previamente, tendo suas unhas cortadas, e sendo feita limpeza de dentes e orelhas (BERT et al., 2016; GILMER et al., 2016; LONDON et al., 2020). Houveram estudos que avaliaram o ambiente hospitalar antes e após a realização de TAA por 6 meses não encontraram nenhuma mudança relevante nas taxas de infecção do hospital (URBANSKI et al., 2012). Também é essencial que seja feito controle de zoonoses nos animais que realizam atividades de IAA, sendo realizada vacinação e prevenção contra parasitoses pelo menos 1 vez ao ano e um acompanhamento desse controle por médicos veterinários (IAHAIO, 2018).

Também devem ser considerados outros fatores quando é planejada uma IAA, como por exemplo pacientes que tenham alergias a pelos de animais ou outros problemas respiratórios; ou então se crianças ou outros indivíduos apresentam medo e receio de interagir com animais. Quando consideramos as TAA, as condições do paciente também devem ser levadas em consideração para a decisão da realização de atividades com interação com animais, por exemplo, deve-se ter maior cautela em casos de pacientes que tenham tido esplenectomia, imunossupressão ou neutropenia grave (IAHAIO, 2018; BERT et al., 2016; GILMER et al., 2016).

4.6 Trabalho de ONGs voltadas para IAA em São Paulo

Atualmente, a atuação das IAAs pelo mundo são mais fortes no segmento do voluntariado do que no segmento profissional, e isso também é um padrão aplicável ao Brasil. No estado de São Paulo, temos algumas ONGs que realizam trabalhos de IAA com diferentes espécies de animais (PILARES..., 2021).

Um exemplo delas é a ONG Patas Therapeutas, que é uma “associação sem fins lucrativos que atua com Intervenções Assistidas por Animais nas áreas de Atividade, Terapia e Educação Assistida por Animais”, levando animais em diferentes ambientes, como hospitais, residenciais de idosos e abrigos de crianças, visando melhorar a qualidade de vida das pessoas envolvidas. Essa ONG abrange o uso de diferentes espécies de animais de estimação, como cães, gatos, furões, entre outros, desde que todos cumpram protocolos de saúde e comportamento avaliado por profissionais da área. A ONG também fornece conteúdo sobre o tema das IAA, fornecendo palestras e cursos para voluntários e não voluntários que demonstrarem interesse (PATAS THERAPEUTAS, 2022).

Figura 1 - Execução de IAA pela ONG Patas Therapeutas



Fonte: Patas Therapeutas ([20–])

Outra ONG que atua no estado de São Paulo é a Terapia Cão Carinho. Essa é uma ONG fundada em 2011, sem fins lucrativos, que realiza IAA com cachorros,

com treinamento de comportamento e controle de questões de saúde e higiene (TERAPIA CÃO CARINHO, 2022).

Figura 2 - Execução de IAA pela ONG Terapia Cão Carinho



Fonte: Terapia Cão Carinho ([20–])

Ambas as ONGs citadas, assim como outras, seguem protocolos para cumprir seus objetivos com segurança. Desta forma, ambas contam com o trabalho de veterinários e zootécnicos para avaliação e acompanhamento do estado de saúde dos animais, assim como seu comportamento. Desde a entrada do animal nos projetos, ele é avaliado por profissionais de comportamento e veterinária, para entender se ele tem o caráter necessário para atuar nas IAA. Uma vez que é feita essa seleção e avaliação, o animal é treinado para que consiga realizar as atividades adequadamente. Outro ponto essencial é que o condutor do animal se atente ao modo como o animal reage durante as sessões, para que não se exija demais do mesmo. É importante entender suas reações por linguagem corporal, para que se saiba os limites de cada animal de acordo com sua idade (PATAS THERAPEUTAS, 2022; TERAPIA CÃO CARINHO, 2022).

Uma vez que os animais foram selecionados e estão prontos para atuar, são estruturadas e realizadas atividades periódicas nos locais atendidos, visando melhoria da qualidade de vida das pessoas presentes. As sessões costumam ser mensais em cada local atendido, mas isso pode ter variação, havendo algumas visitas quinzenais, e duram em torno de 1 hora. De forma geral, os animais voluntários são divididos em grupos por local atendido, de forma a permitir que o animal tenha um intervalo de descanso adequado entre cada visita. As atividades

também variam, de acordo com o público alvo e com os objetivos da sessão. Os voluntários que participam das sessões relatam que a presença dos animais tem efeito sobre os pacientes, que se mostram mais comunicativos e felizes, além de ter efeito na equipe profissional, que sente seu trabalho mais leve e com menor nível de estresse (PATAS TERAPEUTAS, 2022; TERAPIA CÃO CARINHO, 2022).

Figuras 3 e 4 - Execução de IAA no Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia.



Fonte: Angela Claudia Rossi Bonin, 2017.

4.7 Principais Desafios da TAA

O segmento das IAA ainda tem uma série de desafios para enfrentar, de forma a se desenvolver mais. Entre esses desafios, se encontra o fato de ser uma área muito baseada no voluntariado, e ser pouco profissionalizada. Esse é um caráter mundial das IAA, em que há poucos profissionais atuando, e a grande maioria das pessoas que está envolvida na área atua como uma atividade secundária e com caráter assistencialista. De fato, é muito importante que existam organizações que atuem nesse segmento, de forma a auxiliar na saúde de pessoas

atuando em questões que muitas vezes o governo não consegue investir. No entanto, esse domínio do voluntariado acaba dificultando a profissionalização da área, uma vez que a atuação se torna somente movida pelo lado emocional, sem considerar remuneração, e também se torna uma área em que o investimento é mais baixo (PILARES..., 2021).

A profissionalização das IAA é considerada como uma das prioridades das grandes organizações mundiais. Um exemplo recente disso foi a criação da AAAIP (*Association of Animal-Assisted Intervention Professionals*) em janeiro de 2022 pela Pet Partners, que é uma das organizações sem fins lucrativos mais antigas do ramo, contando com uma enorme equipe de visitação, realizando mais de 3 milhões de visitas por ano. Ela criou a AAAIP, uma instituição que visa profissionalizar o segmento com foco na TAA e EAA, lidando com profissionais da área da saúde e educação, com o objetivo de ensinar e desenvolver pessoas a estarem aptas para praticarem as IAA com segurança e efetividade (PET PARTNERS, 2022; PERFIS..., 2022).

A falta de profissionalização da área está correlacionada com outros obstáculos que dificultam o desenvolvimento da prática das IAA. Por exemplo, o fato de a área ser tratada, em sua maioria, como uma atividade secundária dos condutores, muitas vezes ela não recebe o nível de estudo que necessita. Sendo assim, muitos dos voluntários não realizam seu aperfeiçoamento dentro da área, ou estudam ao entrar nas IAA mas não têm o cuidado de se manter em constante atualização. Mesmo os principais documentos que compilam os protocolos e direcionamentos das IAA são chamados de “documentos vivos”, uma vez que se encontram em constante revisão, como é o caso do *guideline Standards of Practice*, da AAIL (*Animal Assisted Intervention International*) (BASES..., 2022). Além disso, o fato de a área ser muito baseada no voluntariado e não ser profissionalizada banaliza comentários como o de que as IAA são “uma área nova”, e por isso ela ainda tem muito o que se aperfeiçoar. De fato, as IAA têm um desenvolvimento a conquistar, mas deve-se ter em mente que as IAA tem um histórico antigo, e mesmo sendo uma área que começou a passar por pesquisas mais estruturadas recentemente, todas as pesquisas devem ser levadas com seriedade (PESQUISA..., 2021).

Outro desafio na área da IAA é a nomenclatura utilizada. Como já dito, as IAA são como uma área “guarda-chuva”, ou seja, elas englobam dentro de si as TAA,

EAA e as AAA, e essas nomenclaturas são muitas vezes usadas erroneamente, na maioria das vezes sendo realizada AAA e sendo nomeada de TAA ou EAA. Um exemplo desse tipo de troca é quando o condutor da prática não é um profissional da área da saúde ou educação, ou quando não há acompanhamento adequado de parâmetros para avaliar os efeitos da prática nos indivíduos (MANDRÁ et al., 2019; KERULO et al., 2020; BASES..., 2021). Esse uso inadequado das nomenclaturas cria confusão no meio dos estudos sobre as IAA, e dificulta avaliar os efeitos de cada sub-segmento das IAA, dificultando a criação de padronizações e protocolos específicos para cada tipo de prática. Além da troca de nomenclatura entre os segmentos da IAA, há outras nomenclaturas que também geram confusão, como o próprio nome dado das intervenções assistidas por animais, que muitas vezes é chamada de pet-terapia, cinoterapia, equoterapia, entre outros (IAHAIO, 2018; PERFIS..., 2022). Tendo em vista essa preocupação, a IAHAIO criou um grupo de trabalho voltado para estudar as terminologias utilizadas nas IAA, criando diretrizes visando criar uma padronização para os estudiosos do tema (IAHAIO, 2018), e desta forma diferenciar as TAA e EAA das AAA, uma vez que as duas mencionadas precisam contar com acompanhamento e medição de diferentes parâmetros, avaliando os resultados da prática.

Além disso, como já mencionado, ainda é necessário estudos mais profundos sobre as IAA e seus efeitos, de forma a entender quais as práticas mais vantajosas para diferentes tipos de patologias/pacientes e envolvendo diferentes animais (MANDRÁ et al., 2019; BERT et al., 2016), de forma a nos beneficiarmos ao máximo da interação entre homens e animais (MACDONALD et al., 2015). Atualmente, os estudos ainda contam com muitos problemas envolvendo falta de padronização de nomenclatura e falta de acompanhamento de parâmetros biológicos dos pacientes, o que dificulta essa visão e a padronização dessas intervenções (GILMER et al., 2016).

5. CONCLUSÃO

A intervenção assistida por animais, que agrupa a atividade, educação e terapia assistida por animais, se mostra como uma intervenção alternativa que pode trazer reais benefícios para a vida dos indivíduos envolvidos. No caso da terapia assistida por animais, cujo foco é o setor da saúde, diversos estudos apontam

redução de diferentes sintomas para diferentes patologias. Desta forma, essa intervenção pode ser uma interessante terapia alternativa, visando a melhoria da qualidade de vida do paciente. No entanto, ainda é necessário desenvolver o ramo através de pesquisas de maior qualidade, por exemplo, que respeitem a nomenclatura correta indicada pela IAHAIO; e também que as pessoas envolvidas com as IAA se desenvolvam para cada vez o entendimento do tema ser maior, até o momento em que seja possível conseguir criar protocolos padronizando as IAA, para que as espécies mais adequadas sejam utilizadas em sessões com grupos específicos de pacientes e com atividades específicas, buscando aproveitar ao máximo a interação homem-animal.

6. BIBLIOGRAFIA

BASES das Intervenções Assistidas por Animais. Direção: Andrea Petenucci; Fabiane Munhoz. Roteiro: Andrea Petenucci; Fabiane Munhoz. Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7RZjKWZ-lko>>. Acesso em: 07 Abr. 2022.

BERT, Fabrizio; GUALANO, Maria Rosada; CAMUSSI, Elisa; PIEVE, Giulio; VOGLINO, Gianluca; SILIQUINI, Roberta. Animal assisted intervention: A systematic review of benefits and risks. **Eur J Integr Med**, Torino, Itália, p. 695–706, 8 out. 2016. DOI <https://doi.org/10.1016/j.eujim.2016.05.005>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7185850/#__ffn_sectitle>. Acesso em: 08 Jun. 2021.

CALCATERRA, Valeria; VEGGIOTTI, Pierangelo; PALESTRINI, Clara; et al. Post-Operative Benefits of Animal-Assisted Therapy in Pediatric Surgery: A Randomised Study. **PLOS ONE**, v. 10, n. 6, p. e0125813, 2015. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4454536/>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

CENTER FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **Site da CDC**, 2022. CDC 24/7: Saving Lives, Protecting People. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/>>. Acesso em: 14 Mar. 2022.

CHARRY-SÁNCHEZ, Jesús David; PRADILLA, Iván; TALERO-GUTIÉRREZ, Claudia. Animal-assisted therapy in adults: A systematic review. **Complementary Therapies in Clinical Practice**, Bogotá, D.C, Colombia, v. 32, p. 169-180, 28 jun. 2018. DOI <https://doi.org/10.1016/j.ctcp.2018.06.011>. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1744388118302214?via%3Dihub>>. Acesso em: 07 Jun. 2021.

CHUBAK, Jessica; HAWKES, Rene; DUDZIK, Christi; FOOSE-FOSTER, Jessica M; EATON, Lauren; JOHNSON, Rebecca H; MACPHERSON, Catherine Fiona. Pilot Study of Therapy Dog Visits for Inpatient Youth With Cancer. **J Pediatr Oncol Nurs**, Estados Unidos, v. 34, p. 331-341, 14 jun. 2017. DOI <https://doi.org/10.1177/1043454217712983>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1043454217712983?url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori:rid:crossref.org&rfr_dat=cr_pub%20%20pubmed>. Acesso em: 09 Jun. 2021.

COLLADO-MATEO, Daniel; LAVÍN-PÉREZ, Ana Myriam; FUENTES GARCÍA, Juan Pedro; et al. Effects of Equine-Assisted Therapies or Horse-Riding Simulators on Chronic Pain: A Systematic Review and Meta-Analysis. **Medicina**, v. 56, n. 9, p. 444, 2020. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7557603/>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

DINIZ PINTO, Karina; VIEIRA DE SOUZA, Claudia Teresa; BENAMOR TEIXEIRA, Maria de Lourdes; et al. Animal assisted intervention for oncology and palliative care patients: A systematic review. **Complementary Therapies in Clinical Practice**, v. 43, p. 101347, 2021. Disponível em: <<https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S1744388121000463?token=478F3E872D77BEC7301A4D2DD2B057E6C4561B2AE7BEEC0E948F7A32F870826D459DC3834890B8F323ADF860DE49CFCD&originRegion=us-east-1&originCreation=20220304234321>>. Acesso em: 4 Mar. 2022.

ENGELMAN, Suzanne R. Palliative care and use of animal-assisted therapy. **OMEGA - Journal of Death and Dying**, Estados Unidos, v. 67, p. 63-67, 1 ago. 2013. DOI <https://doi.org/10.2190/OM.67.1-2.g>. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/10.2190/OM.67.1-2.g?url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori:rid:crossref.org&rfr_dat=cr_pub%20%200pubmed>. Acesso em: 09 Jun. 2021.

EVANGELISTA, Carla Braz; LOPES, Maria Emilia Limeira; COSTA, Solange Fatima Geraldo da; BATISTA, Patricia Serpa de Souza; BATISTA, Jaqueline Brito Vidal; OLIVEIRA, Amanda Maritsa de Magalhães. Palliative care and spirituality: an integrative literature review. **Rev Bras Enferm**, Paraíba, Brasil, p. 591-601, Junho 2016. DOI <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2016690324i>. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27355311/>>. Acesso em: 05 Jul. 2021.

FERREIRA, Jéssica. Quem foi Nise da Silveira, psiquiatra que humanizou os tratamentos no Brasil: Expoente da luta antimanicomial e contrária a métodos agressivos, a alagoana fez da arte uma aliada no tratamento psiquiátrico no país. **Galileu**, Brasil, 29 out. 2020. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/09/quem-foi-nise-da-silveira-psiquiatra-que-humanizou-os-tratamentos-no-brasil.html>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

FLYNN, Erin; ROGUSKI, Julia; WOLF, Julie; et al. A Randomized Controlled Trial of Animal-Assisted Therapy as an Adjunct to Intensive Family Preservation Services. **Child Maltreatment**, v. 24, n. 2, p. 161–168, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1077559518817678?url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori:rid:crossref.org&rfr_dat=cr_pub%20%200pubmed>. Acesso em: 24 Mar. 2022.

FULBER, Sabrina. **Atividade e Terapia Assistida por Animais**. 2011. 27 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária) - Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52516/000851221.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

GHOSH, Amrita; DZENG, Elizabeth; CHENG, M. Jennifer. Interaction of Palliative Care and Primary Care. **Clinics in Geriatric Medicine**, v. 31, n. 2, p. 207–218, 2015. Disponível em:

<<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0749069015000026?via%3Dihub>>. Acesso em: 17 Jun. 2021.

GILMER, Mary Jo; BAUDINO, Marissa N.; TIELSCH GODDARD, Anna; *et al.* Animal-Assisted Therapy in Pediatric Palliative Care. **Nursing Clinics of North America**, v. 51, n. 3, p. 381–395, 2016. Disponível em: <<https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S0029646516300202?token=08CD2395C94E645E76D1340222465CD67817B53F14142E48838EBD2C24056615A67D246EE02CAAEB9B59AD13E89BAAE7&originRegion=us-east-1&originCreation=20220304233913>>. Acesso em: 4 Mar. 2022.

IAHAIO WHITE PAPER 2014, updated for 2018 THE IAHAIO DEFINITIONS FOR ANIMAL ASSISTED INTERVENTION AND GUIDELINES FOR WELLNESS OF ANIMALS INVOLVED IN AAI. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <<https://iahaio.org/wp/wp-content/uploads/2021/01/iahaio-white-paper-2018-english.pdf>>. Acesso em: 30 Jan. 2022.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF HUMAN-ANIMAL INTERACTION ORGANIZATIONS. **Site da IAHAIO**, 2022. The global network of HAI organisations, bringing together research, practice and education in HAI. Disponível em: <<https://iahaio.org/>>. Acesso em: 07 Mar. 2022.

JORDAN, Tyler; LEM, Michelle. One Health, One Welfare: education in practice veterinary students' experiences with Community Veterinary Outreach. **The Canadian veterinary journal = La revue veterinaire canadienne**, v. 55, n. 12, p. 1203–6, 2014. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4231813/>>. Acesso em: 18 Mar. 2022.

KERULO, Greta; NIKO KARGAS; MILLS, Daniel S; *et al.* **Animal-Assisted Interventions: Relationship Between Standards and Qualifications**, v. 3, 2020. Purdue e-Pubs. Disponível em: <<https://docs.lib.purdue.edu/paij/vol3/iss1/4/>>. Acesso em: 7 abr. 2022.

KOBAYASHI, Cassia Tiemi; USHIYAMA, SÍLVIA TIEMI; FAKIH, Flávio Trevisan; *et al.* Desenvolvimento e implantação de Terapia Assistida por Animais em hospital universitário. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62, p. 632–636, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/GjDXNChhKQxZdpPqqzn3qBs/?lang=pt>. Acesso em: 23 Mar. 2022.

KRAUSE-PARELLO, Cheryl A.; LEVY, Cari; HOLMAN, Elizabeth; *et al.* Effects of VA Facility Dog on Hospitalized Veterans Seen by a Palliative Care Psychologist: An Innovative Approach to Impacting Stress Indicators. **American Journal of Hospice and Palliative Medicine®**, v. 35, n. 1, p. 5–14, 2016. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1049909116675571?url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori:rid:crossref.org&rfr_dat=cr_pub%20%20pubmed. Acesso em: 21 abr. 2022.

LIMA, Aline; SOUZA, Marjane Bernardy. Os benefícios apresentados na utilização da terapia assistida por animais: revisão de literatura. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, v. 12, n. 10, p. 224–241, 2018. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/880>. Acesso em: 23 Mar. 2022.

LONDON, Maeve Doyle; MACKENZIE, Lynette; LOVARINI, Meryl; *et al.* Animal Assisted Therapy for Children and Adolescents with Autism Spectrum Disorder: Parent perspectives. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 50, n. 12, p. 4492–4503, 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10803-020-04512-5>. Acesso em: 22 Mar. 2022.

LUNDQVIST, Martina; CARLSSON, Per; SJÖDAHL, Rune; *et al.* Patient benefit of dog-assisted interventions in health care: a systematic review. **BMC Complementary and Alternative Medicine**, v. 17, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5504801/>. Acesso em: 03 Jul. 2021.

MACDONALD, Julie M; BARRETT, David. Companion animals and well-being in palliative care nursing: a literature review. **Journal of Clinical Nursing**, v. 25, n. 3-4, p. 300–310, 2015. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26522914/>>. Acesso em: 09 Jul. 2021.

MANDRÁ, Patrícia Pupin; MORETTI, Thaís Cristina da Freiria; AVEZUM, Leticia Alves; et al. Terapia assistida por animais: revisão sistemática da literatura. **CoDAS**, v. 31, n. 3, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/codas/a/ndFPQNGM9n5D5yVVHsM9djj/?lang=en>>. Acesso em: 09 Jul. 2021.

MARCUS, Dawn A. The Science Behind Animal-Assisted Therapy. **Current Pain and Headache Reports**, v. 17, n. 4, 2013. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s11916-013-0322-2>>. Acesso em: 26 Jun. 2021.

MCCARDLE, Peggy; MCCUNE, Sandra; GRIFFIN, James; ESPOSITO, Layla; FREUND, Lisa. **Os animais em nossa vida**: Família, comunidade e ambientes terapêuticos. EUA: Papyrus Editora, 2011. 27-40 p. v. 1.

MCCULLOUGH, Amy; RUEHRDANZ, Ashleigh; JENKINS, Molly A.; et al. Measuring the Effects of an Animal-Assisted Intervention for Pediatric Oncology Patients and Their Parents: A Multisite Randomized Controlled Trial. **Journal of Pediatric Oncology Nursing**, v. 35, n. 3, p. 159–177, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1043454217748586?url_ver=Z39.88-2003&rft_id=ori:rid:crossref.org&rft_dat=cr_pub%20%200pubmed>. Acesso em: 29 Mar. 2022.

MENEZES, Cynara. Nise, o gato e eu. **Socialista Morena**, Brasil, 8 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.socialistamorena.com.br/nise-o-gato-e-eu/>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

NURENBERG, Jeffry R.; SCHLEIFER, Steven J.; SHAFFER, Thomas M.; et al. Animal-Assisted Therapy With Chronic Psychiatric Inpatients: Equine-Assisted

Psychotherapy and Aggressive Behavior. **Psychiatric Services**, v. 66, n. 1, p. 80–86, 2015. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25269512/>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

PATAS THERAPEUTAS. **Site da Patas Therapeutas**, 2022. Terapias Assistidas por Animais. Disponível em: <<http://patastherapeutas.org/novo/>>. Acesso em: 29 Mar. 2022.

PEREIRA, Murilo; SÍLVIO, Garcia ; BOTOMÉ, Paulo. RESENHA Da Domesticação à Terapia: o Uso de Animais para Fins Terapêuticos. v. 12, n. 1, p. 165–167, 2008. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/viewFile/9676/9219>>. Acesso em: 30 Jan. 2022.

PERFIS de atuações nas IAAs. Direção: Andrea Petenucci; Fabiane Munhoz. Roteiro: Andrea Petenucci; Fabiane Munhoz. Brasil, 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N-YNTNPBDvY>>. Acesso em: 07 Abr. 2022.

Pesquisa Científica e Aspectos Envolvidos na IAA. Direção: Andrea Petenucci; Fabiane Munhoz. Roteiro: Andrea Petenucci; Fabiane Munhoz. Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iXu6qiYzHj0>>. Acesso em: 07 Abr. 2022.

PET PARTNERS. **Site da Pet Partners**, 2022. AAI for Professionals. Disponível em: <<https://petpartners.org/learn/aat-professionals/>>. Acesso em: 07 Abr. 2022.

PILARES da Profissionalização das IAAs. Direção: Andrea Petenucci; Fabiane Munhoz. Roteiro: Andrea Petenucci; Fabiane Munhoz. Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YX4JXVX90hg>>. Acesso em: 29 Mar. 2022.

PLANEJAMENTO e Gestão da Equipe Multiespécie. Direção: Andrea Petenucci; Fabiane Munhoz; Ricardo Pinheiro Machado. Roteiro: Andrea Petenucci; Fabiane Munhoz; Ricardo Pinheiro Machado. Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FzZ_0yLPotU>. Acesso em: 05 Abr. 2022.

PORTO, Jéssica Rodrigues; QUATRIN, Louise Bertoldo. Efeito da Terapia Assistida por Animais nos aspectos motores e interação socioafetiva de um adolescente com paralisia cerebral: um estudo de caso. **ConScientiae Saúde**, v. 13, n. 4, p. 625–632, 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/929/92935317017.pdf>>. Acesso em: 21 Mar. 2022.

PRADO, Emanuele; MOURA, Camila; LIMA, D; *et al.* **AVALIAÇÃO DO BEM-ESTAR DE UM CÃO COTERAPEUTA DO PROJETO PET TERAPIA -UFPEL EM SALA DE RECURSO DO MUNICÍPIO DE PELOTAS**, 2019. Disponível em: <https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2019/CA_02288.pdf>. Acesso em: 19 Mar. 2022.

PRUSKOWSKI, Kaitlin A.; GURNEY, Jennifer M.; CANCIO, Leopoldo C. Impact of the implementation of a therapy dog program on burn center patients and staff. **Burns**, v. 46, n. 2, p. 293–297, 2020. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0305417919306734?via%3Dihub>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

QUEM foi Nise da Silveira?. Direção: Eduardo Saron. Produção: Camila Fink. Roteiro: Karina Bonini Fogaça. Fotografia de André Seiti. Gravação de Karina Bonini Fogaça. Brasil: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cr2rlmC345A>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

QUINTAL, Vanessa ; PAULO REIS-PINA. Animal-Assisted Therapy in Palliative Care. **Acta Médica Portuguesa**, v. 34, n. 10, p. 690–692, 2021. Disponível em: <<https://actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/view/13164/6125>>. Acesso em: 4 Mar. 2022.

RODRIGO-CLAVEROL, Maylos; CASANOVA-GONZALVO, Carles; MALLA-CLUA, Belén; *et al.* Animal-Assisted Intervention Improves Pain Perception in Polymedicated Geriatric Patients with Chronic Joint Pain: A Clinical Trial. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 16, n. 16, p. 2843, 2019. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/1660-4601/16/16/2843/htm>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SILVA, Nathiana B.; OSÓRIO, Flávia L. Impact of an animal-assisted therapy programme on physiological and psychosocial variables of paediatric oncology patients. **PLOS ONE**, v. 13, n. 4, p. e0194731, 2018. Disponível em: <<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0194731>>. Acesso em: 23 Jun. 2021.

URBANSKI, Beth L.; LAZENBY, Mark. Distress Among Hospitalized Pediatric Cancer Patients Modified By Pet-Therapy Intervention to Improve Quality of Life. **Journal of Pediatric Oncology Nursing**, v. 29, n. 5, p. 272–282, 2012. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1043454212455697?url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori:rid:crossref.org&rfr_dat=cr_pub%20%20pubmed>. Acesso em: 24 Jun. 2021.

06/05/2022 

Data e assinatura do aluno(a)

06/05/2022 

Data e assinatura do orientador(a)